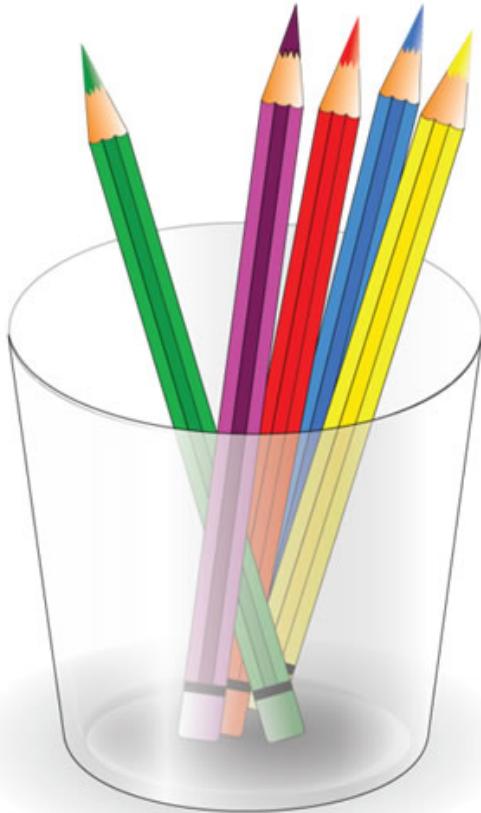


# Entre Música e Poesia: Meu Lado Poético

Ozana Anjos Santana



Apresentado por

*Meu Lado Poético* A stylized logo featuring a pen and an ink bottle.

## DedicatÃ³ria

### *Dedicatória*

*Dedico estas palavras ao meu belo Mato Grosso do Sul,*

*terra onde o tempo corre no ritmo dos rios*

*e a poesia nasce antes mesmo da voz.*

*Ao chão vermelho que sustenta meus passos,*

*ao céu imenso que me ensinou a sonhar alto,*

*ao silêncio do Pantanal, que fala mais do que mil versos.*

*Que cada poema meu carregue o cheiro da chuva no cerrado,*

*o canto das aves ao entardecer*

*e a memória viva de um povo simples, forte e profundamente humano.*

*Escrevo porque pertenço.*

*E pertenço porque esta terra me escreve.*

## Agradecimentos

### Agradecimento

A Deus, fonte primeira de toda luz e inspiração,  
meu mais profundo agradecimento.  
É Dele a força que me sustenta,  
a palavra que me guia  
e a esperança que nunca se apaga, mesmo nos dias mais silenciosos.

À minha família, alicerce da minha existência,  
agradeço pelo amor que acolhe,  
pelos gestos simples que sustentam  
e pela presença que me ensina, todos os dias,  
o verdadeiro significado de cuidado, união e resistência.

E ao meu querido município de Jaraguari,  
terra que mora em mim com a força de raiz antiga,  
meu eterno carinho e gratidão.  
Entre suas águas, sua história e seu povo,  
aprendi a olhar o mundo com sensibilidade,  
a respeitar o tempo  
e a transformar vivência em palavra.

## Sobre o autor

Ozana dos Anjos Santana nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e é natural do município de Jaraguari. Filha de Divino Borges de Santana e Neusa dos Anjos Santana, cresceu entre histórias, afetos e aprendizados que despertaram, desde cedo, seu olhar atento para as pessoas, os lugares e as memórias que constroem a vida em comunidade.

Professora, pesquisadora, educadora e escritora, dedica sua trajetória à educação pública e à valorização das culturas tradicionais, acreditando que ensinar também é cuidar, escutar e preservar histórias. Seu trabalho está comprometido com a memória, o território e a justiça social, especialmente no reconhecimento dos saberes dos povos tradicionais.

Mestra em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), desenvolveu sua pesquisa na linha de Diversidade Cultural e Educação Indígena e Quilombola. É desse encontro entre pesquisa, afeto e escuta que nascem suas histórias, escritas para que as crianças conheçam, valorizem e se encantem com as culturas que fazem parte de nossa história.

## resumo

A LUZ QUE CRESCEU DENTRO DE MIM

BOM ANO 2026

TERRA DAS ÁGUAS NASCENTES

O CASAMENTO

RAÍZES E RESISTÊNCIAS

MENINA MULHER

MUNDO NA PALMA DA MÃO

A VOZ QUE MORA NA TINTA

ALÉM DAS JANELAS

VOZ QUE VIROU ESPUMA

O SILENCIO DA PORCELANA

TERRA DE MUITOS CANTOS

CIDADE MORENA

## A LUZ QUE CRESCEU DENTRO DE MIM

Nasceu uma menina no silêncio amplo da zona rural,  
numa casa de madeira que rangia leve com o vento,  
onde a noite caía funda, pesada como véu antigo,  
e o céu era sua única tela viva de encantamento,  
as estrelas, seus fogos de artifício eternos.

A pobreza morava com ela, discreta e funda,  
na panela rasa, no sapato gasto de todos os dias,  
no riso insistente dos irmãos que buscavam ser criança,  
mesmo quando a vida cobrava mais do que podiam,  
e dezembro chegava doce e dolorido como sonho.

Do alto do terreiro ela via a cidade distante, brilhante,  
cada lâmpada parecia um milagre aceso na escuridão,  
as luzes de Natal furavam seu peito com desejo mudo,  
era a promessa de um mundo grande, vivo e inalcançável,  
um mundo que parecia existir para todos menos para ela.

À noite, antes de dormir, escrevia cartas miúdas e tortas,  
"Papai Noel, traga um brinquedo, um chinelo, um doce qualquer",  
não por costume, mas por fé sincera de criança,  
e no par de calçados deixado na janela estreita  
depositava a inocência inteira de seu pequeno coração.

Mas quando o sol nascia e desfazia o carinho da noite,  
os calçados permaneciam imóveis, a carta intacta,  
e ela aprendia cedo os silêncios duros do mundo,  
silêncios que machucam mais do que qualquer ausência,  
embora insistisse a cada ano, porque sonhar era sua riqueza.

O tempo, porém, seguia firme como rio que não volta,  
e aquela menina pobre, que só tinha o brilho distante, cresceu,  
estudou, trabalhou, lutou com as mãos e com a alma inteira,  
conquistou seu canto na cidade que parecia inalcançável,  
e encontrou na claridade de hoje o reflexo dos sonhos de ontem.

Ela tem casa iluminada, trabalho, vida construída,  
mas nunca esqueceu o que foi faltar o essencial,  
e em noites de dezembro, quando a memória acende,  
senta-se na janela para ver todas as versões de si mesma,  
a que esperou, a que chorou, a que acreditou no nada.

Então uma pergunta nasce funda, urgente como oração:  
"O que posso fazer pelas crianças que vivem o que vivi?  
Como oferecer a elas a luz que me faltou um dia?"  
E guiada pelo passado que pulsa vivo em sua pele,  
ela se move para transformar o mundo de alguém.

Compra brinquedos, separa roupas, junta alimentos,  
visita casas simples, abraça vidas que se abrem,  
leva luz, afeto e esperança onde antes havia sombra,  
e por instantes refaz mundos pequenos e frágeis,  
como queria que tivessem um dia refazido o seu.

Ela sabe que não muda a vida inteira das crianças,  
mas pode mudar o Natal de cada algumas delas,  
e às vezes um gesto assim já é grande demais,  
pois o pouco, quando é amor, se torna tudo,  
e tudo, quando oferecido, refaz destinos.

E ao colocar um presente na janela de uma criança,  
ela sorri com lágrimas doces e brancas de paz,  
pois comprehende enfim a verdade que a vida soprou:  
a magia que esperou tanto nunca veio de fora,  
nasceu dela e cresceu até aprender a ser oferta.

## BOM ANO 2026

Â»

Quando o ano se inclina para partir,  
e a noite veste o tempo de clarão,  
o mundo inteiro aprende a repetir  
o gesto antigo da renovação.

Fogos rasgam o céu em mil cores vivas,  
taças se erguem, cintila o champanhe,  
é a esperança fazendo-se chama  
no exato instante em que o futuro se abre.

No Brasil, o branco toma as ruas e o mar,  
paz vestida no corpo e no querer,  
símbolo vivo da alma que se entrega  
ao Deus que ensina a recomeçar e crer.

Sete passos são dados com fé no olhar,  
orações elevadas ao alto do céu,  
confiando a Deus sonhos e promessas  
de amor, trabalho e sustento fiel.

Lentilhas fumegam nos pratos da ceia,  
romãs guardam sementes na mão,  
lembrando que toda mesa partilhada  
é bênção viva em comunhão.

Cores discretas vestem o íntimo humano:  
o dourado pede o pão de cada dia,  
o vermelho lembra o amor que salva,  
o verde anuncia nova vida e alegria.

Enquanto isso, na Espanha, doze uvas  
marcam os meses sob divina proteção,  
na Dinamarca, um salto de esperança

afasta o medo e fortalece o coração.

Na Itália, o amor é pedido em oração,  
nas Filipinas, frutos redondos à mesa,  
em muitos cantos do mundo se aprende  
que toda fartura vem da mesma riqueza.

Não a Jano, mas ao Deus eterno,  
que é princípio, caminho e amanhã,  
entregamos o tempo que se inicia  
com gratidão pelo que Ele já fez e fará.

Do primeiro fuso ao último adeus,  
da ilha distante ao chão brasileiro,  
o Ano Novo proclama em uníssono:  
todo tempo é dom do Criador verdadeiro.

Que 2026 chegue com justiça e pão,  
com saúde, trabalho e dignidade,  
e que o Brasil caminhe sob a graça  
da fé, do amor e da fraternidade.

A todos os brasileiros, de norte a sul,  
do campo, da cidade, do Pantanal e do litoral,  
recebam este desejo em oração:  
Feliz Ano Novo! Que 2026 seja de luz, paz e bênçãos sem igual.

## TERRA DAS ÁGUAS NASCENTES

[Estrofe 1]

Do capim e do córrego Jaraguá teu nome veio a brotar,  
Entre as cabeceiras, Jaraguá e Faia nasceu teu primeiro lar.  
Mineiros e goianos chegaram com fé e bravura,  
Trouxeram no peito a força, a coragem e a ternura.  
Jaraguari Velho e Bonfim, acenderam tua história,  
E o povo escreveu nas terras tua memória.

[Estrofe 2]

O café abriu caminhos e trouxe o progresso,  
Agricultura e pecuária consolidaram o sucesso.  
A soja desponta, símbolo de crescimento e labor,  
Rodovias te ligam ao estado com vigor.  
Mutável e forte, em teus campos e estradas,  
Jaraguari avança, com trabalho e jornadas.

Refrão

Terra das águas nascentes, orgulho sem igual,  
Beleza e história fazem de ti um ideal.  
Jaraguari querida, Mato Grosso do Sul e Brasil,  
Nosso lar, nossa vida, cidade gentil.

[Estrofe 3]

Acolhida de fauna e flora, chão de esplendor,  
Cachoeiras e ipês coloridos encantam o amor.  
A vida se renova na terra abençoada,  
Teu solo é fértil, tua natureza é sagrada.  
Serra e vale te moldam em eterno esplendor,  
Jaraguari, cidade de fé e de louvor.

[Estrofe 4]

Furnas de Dionísio, quilombo de memória sagrada,  
Herança afro-brasileira, história preservada.  
A festa do vaqueiro, patrimônio cultural,  
Celebra o povo, sua força e ideal.  
O esporte une jovens com garra e emoção,

Diversidade e cultura em viva expressão,  
Fortalecem a cidade e o espírito da nação.

Refrão

Terra das águas nascentes, orgulho sem igual,  
Beleza e história fazem de ti um ideal.  
Jaraguari querida, Mato Grosso do Sul e Brasil,  
Nosso lar, nossa vida, cidade gentil.

[Estrofe 5]

Da mistura de povos, do Sudeste ao Norte a surgir,  
Vieram mãos e sonhos para juntos construir.  
Sulistas, nordestinos e nortistas com ardor,  
Ergueram Jaraguari com trabalho e amor.  
Fraternidade e esperança são nossa bandeira,  
E a terra floresce na união verdadeira.

[Ponte]

Do campo e da cidade és nosso amor,  
Progresso e tradição, juntos a caminhar.  
Nos corações se acende tua luz e calor,  
Cidade querida, símbolo de vida e de amor.  
Do passado ao futuro, tua história reluz,  
Jaraguari, esperança que sempre nos conduz.

Refrão

Terra das águas nascentes, orgulho sem igual,  
Beleza e história fazem de ti um ideal.  
Jaraguari querida, Mato Grosso do Sul e Brasil,  
Nosso lar, nossa vida, cidade gentil.

## O CASAMENTO

No coração do Pantanal, sob o céu a cintilar,  
morava Dona Arara Azul, vaidosa a se enfeitar.  
Coloria o espelho com penas de luar,  
quando um sussurro rasteiro veio lhe assustar.

Era a Sucuri gigante, fria e feroz,  
soprando um "ssshhhh" que gelava a voz.  
A Arara gritou ? "Socorro! Quem vai me salvar?" ?,  
e um pequeno Grilo veio lhe ajudar.

Saltou o valente, leve no chão,  
cantando coragem, estendendo a mão:  
— "Se comigo quiser se casar,  
prometo sua vida pra sempre guardar!"

A Arara, encantada, aceitou sem temer,  
e o Grilo, esperto, fez a cobra correr.  
No outro dia, o amor se espalhou,  
e por todo o Pantanal a alegria ecoou.

O Trem de Ferro, lá longe a passar,  
ouviu o "cri-cri" e quis festejar:  
"Tchu-tchu-tchu!", o apito soou,  
e por toda a linha a notícia voou.

O Ipê, curioso, abriu-se em flor,  
pintando o campo com seu esplendor.  
A Onça vaidosa quis se adornar,  
e com suas pintas saiu a dançar.

O Mato ficou verde, perfume no ar,  
balançou contente, querendo cantar.  
O Rio, brilhante, começou a sorrir,

suas águas dançavam, querendo fluir.

O Vento soprou, levando emoção,  
e as Nuvens bordaram corações no chão.

O Sol, dourado, ao ver tanta luz,  
bradou lá do alto: ? "Se é amor, que reluz!"

E assim o Pantanal se iluminou:

Grilo e Arara, o amor celebrou.

O Trem apitou, o Ipê floresceu,  
a Onça pintou-se, o Mato nasceu.

O Rio cantou, o Vento embalou,  
as Nuvens sorriram, o Sol brilhou.

E no meio da festa, em pura canção,  
pulsa o amor ? doce inspiração.

## RAÍZES E RESISTÊNCIAS

Senhores, abram a porta da memória,  
escutem a rabeca, o coração em história.  
Chego com passos de chão vermelho,  
trazendo os ecos do tempo, o sopro do velho.

Ozana, nome de súplica e luz,  
dos Anjos, mensageira que conduz  
entre terras e rios, entre risos e dor,  
filha de Santana, guardiã do amor.

Nasci onde a terra cheira a mandioca,  
onde o sol molda a pele e a roça invoca.  
Oito irmãos, ecos de ancestrais,  
cabelos de vento, pele de cais.

Pai, Divino Lé, de mãos pequenas,  
carregava mundos nas linhas serenas  
do trabalho árduo, do arroz e milho,  
tecendo dignidade no tecido do brilho.

Mãe, alquimista da farinha e do pão,  
transformava pobreza em criação.  
Do vestido de noiva, fez armadura escolar,  
para filhos lutarem e o saber conquistar.

A escola era longe, oito quilômetros a pé,  
mas cada passo era resistência, fé.  
Lápis e borracha, tesouros de papel,  
nos dedos, magia; no coração, céu.

Entre lamparinas e noites de luar,  
inventávamos mundos para brincar.

Bonecas de milho, cavalos de pau,  
no campo o infinito, no coração o azul.

Racismo e silêncios, sombras do caminho,  
mas a memória acende luz no destino.

Cada gesto mínimo, cada suor derramado,  
torna-se poema, resistência, legado.

Cresci entre livros, pó e semente,  
aprendendo que o saber é ponte presente.  
Pedagogia quilombola, voz da terra e raiz,  
tradição que ensina quem verdadeiramente quis.

E hoje, ao cantar com rabeca e coragem,  
revelo a vida como herança, como viagem.  
Entre memórias, afetos e pesquisa,  
descubro que conhecer é resistir, é a vida que se visa.

Pois somos todos cantos de rios antigos,  
memórias guardadas nos gestos e nos amigos.  
O currículo da vida, quilombola, ancestral,  
nos ensina que o saber é força, é imortal.

## MENINA MULHER

Existe uma menina em mim,  
que ri leve, que sonha sem fim.  
Brinca com o vento, dança com a lua,  
guarda nas mãos a infância nua.

Mas há também uma mulher desperta,  
de olhar firme, alma aberta.  
Traz na voz o peso da estrada,  
na pele, a força conquistada.

A menina sonha, a mulher constrói,  
uma guarda a flor, a outra o aço que dói.  
Juntas tecem o fio da memória,  
bordando na vida a própria história.

A menina recorda raiz que sustenta,  
a mulher avança coragem que enfrenta.  
Uma é o riso, a outra o chão,  
ambas se encontram no mesmo coração.

Entre o ontem e o agora, caminham unidas,  
na lembrança, nas lutas, nas vidas vividas.  
Ser menina é lembrar, ser mulher é lutar,  
e entre ambas, o ser aprende a se reinventar.

Pois resistir é isso: sonhar e agir,  
guardar o passado e seguir a florir.  
Sou menina e mulher, sou canto e razão,  
memória e futuro na mesma canção.

## MUNDO NA PALMA DA MÃO

Cabe inteiro na palma da mão  
e, ainda assim, carrega o mundo.

É voz que atravessa oceanos,  
é ponte erguida sobre o silêncio.

Antes dele, a espera era longa,  
era carta escrita à mão,  
bilhete dobrado no bolso,  
recados que viajavam devagar.

A resposta vinha com o tempo,  
dias, meses, às vezes anos.

A saudade aprendia a esperar  
no ritmo lento da distância.

Hoje, a palavra corre veloz  
e o instante virou presença.

No celular, mora a conversa,  
o riso em vídeo, o texto breve,  
o "cheguei bem", o "estou com saudade",  
laços que resistem ao espaço.

Mas também chegam as notícias duras,  
as palavras que apertam o peito.

Ele avisa, informa, revela:  
tanto o que alegra quanto o que dói.

Pode trazer riso e esperança,  
ou silêncio pesado e choro.

É janela aberta para o saber:  
notícias, livros, aulas, ideias.

Para muitos, é a primeira porta  
por onde a internet entra na vida.

Organiza o tempo, guarda lembretes,  
marca encontros, sonhos e tarefas.

É agenda, relógio, mapa e bússola  
no ritmo acelerado dos dias.

Também captura o instante exato:

a foto tirada já se revela,  
o momento vira memória  
antes mesmo de virar passado.  
O vídeo nasce e se mostra na hora,  
é gesto gravado em movimento,  
história contada em imagens vivas  
que se repetem com um simples toque.

Facilita a vida prática:  
pagar contas, pedir ajuda,  
chamar transporte, encontrar caminhos  
em ruas nunca antes vistas.  
No trabalho, rompe paredes,  
permite produzir de qualquer lugar.

Escritório virou nuvem,  
e a mesa cabe em qualquer chão.  
Em emergências, é salvação.

Um pedido de socorro,  
uma ligação urgente,  
um fio de esperança no caos.

Mas o celular também alerta:  
excesso cansa, isola, distancia.

Tela demais pode roubar  
o olho no olho, o toque, a pausa.  
Por isso, pede equilíbrio

uso consciente, tempo medido.

Tecnologia a serviço da vida,  
não a vida refém do aparelho.

Do tijolão pesado ao toque leve,  
da primeira chamada ao 5G veloz,  
o celular conta a história humana  
de querer falar, registrar, existir.

Extensão do corpo moderno,  
espelho do nosso tempo apressado,  
ele molda relações e escolhas,  
reflete quem somos e para onde vamos.  
Pequeno objeto, grande impacto:

não é só máquina, nem só fio.  
É ferramenta, memória e símbolo  
do mundo que pulsa na palma da mão.

## A VOZ QUE MORA NA TINTA

Pequena em forma, imensa em intenção,  
Repousa discreta entre os dedos da mão;  
Mas guarda em silêncio um vasto universo,  
Capaz de dar vida ao mais simples verso.  
Com ela se escreve a dor e a esperança,  
O medo que grita, o sonho que avança;  
É ponte util entre a alma e o papel,  
Pensamento que escorre em traço fiel.  
Ela não grita, mas sabe existir,  
Rabisca verdades que o tempo há de unir;  
Registra promessas, juras e leis,  
E muda destinos de um, dois ou três.  
Em traços firmes ou linhas incertas,  
Abre caminhos, destranca portas abertas;  
Onde havia vazio, inaugura sentido,  
Onde havia silêncio, um som é erguido.  
Foi com ela que a história nasceu:  
Reis assinaram, o povo escreveu;  
Em pergaminhos, cadernos ou chão,  
Moldaram-se eras com simples pressão.  
Na escola, ensina a primeira lição,  
Desenha futuros na palma da mão;  
Cada letra torta, cada erro comum  
É passo inaugural para ser mais que um.  
Ela consola quem precisa falar  
Quando a voz falha e não quer mais tentar;  
No papel, o peito encontra alívio,  
E a dor se refaz em lúcido abrigo.  
É arma pacífica, sem sangue ou guerra,  
Que luta com ideias e atravessa a terra;  
Constrói pontes, derruba muralhas,  
Vence batalhas sem usar medalhas.  
No bolso do poeta, é chama acesa;

No do cientista, exata certeza;  
Para o advogado, justiça e razão;  
Para o artista, pura criação.  
Mesmo na era do toque digital,  
sempre resiste, firme e leal;  
Pois nada substitui o gesto humano  
De riscar o mundo com próprio plano.  
Ela não julga quem a faz escrever:  
Aceita a pressa, a dúvida, o viver;  
Segue a mente, escuta o coração,  
E eterniza instantes em cada inscrição.  
Ó simples caneta, de humilde poder,  
Ferramenta eterna de escrever e ser,  
Que nunca nos falte teu silencioso dom,  
O de transformar pensamento em tom.

## ALÉM DAS JANELAS

Na torre alta onde o tempo dormia,  
uma menina aprendia a sonhar.  
Entre tintas, livros e estrelas,  
seu coração insistia em voar.  
Seu cabelo guardava o sol do mundo,  
luz antiga, dom e prisão.  
Mas era a coragem, e não a magia,  
que acendia sua libertação.  
Quando desceu, não foi só da torre:  
rompeu medos, mentiras e véus.  
Descobriu que o amor não aprisiona  
e que a liberdade também cura os céus.  
Rapunzel não nasceu princesa,  
tornou-se ao escolher quem ser:  
uma luz que aprende a caminhar  
sem deixar de iluminar.  
Ao lado dos que a ensinaram a confiar,  
fez do passo incerto um recomeço,  
pois crescer é enfrentar o mundo  
sem perder a ternura no processo.  
Nas lanternas que sobem ao céu,  
reconheceu seu nome e sua história:  
era filha do amor e da esperança,  
herdeira da própria memória.  
E assim, de cabelos cortados ou longos,  
seguirá sendo luz em qualquer lugar,  
pois quem aprende a ser livre  
nunca mais volta a se aprisionar.

## VOZ QUE VIROU ESPUMA

No fundo do mar, onde o azul é profundo  
como o sonho guardado no peito do tempo,  
vivia uma filha das águas, pequena e silenciosa,  
com olhos de oceano e alma em movimento.

Era a mais jovem das filhas do Rei dos Mares,  
leve como espuma, serena como o luar,  
trazia no coração perguntas antigas  
sobre viver, amar e eternizar.

Enquanto as irmãs narravam cidades e luzes,  
sinos, florestas e vozes humanas,  
ela escutava o mundo de cima  
como quem escuta promessas distantes e profanas.

Quando o tempo lhe abriu a superfície,  
o destino surgiu em forma de nau,  
um príncipe à deriva entre ondas e medo,  
e um amor nasceu sem jamais ser igual.

Ela o salvou no silêncio das águas,  
deixou-o ao sol, entre areia e oração,  
e partiu sem nome, sem gesto, sem rosto,  
levando consigo o peso da paixão.

Descobriu, então, que os homens têm alma,  
que o tempo neles não é o fim,  
enquanto as sereias, belas e eternas,  
se desfazem em espuma ao fim de si.

Movida por amor e esperança infinita,  
desceu ao pântano do sacrifício cruel:  
trocou sua voz canto do mar

por passos de dor e promessa de céu.

Com pernas humanas, feridas abertas,  
dançou para amar, sangrou para existir,  
pois cada passo era lâmina viva,  
mas o coração insistia em prosseguir.

O príncipe a viu como encanto e ternura,

mas não reconheceu quem o salvara do mar,  
amou outra imagem, outro destino,  
sem saber quem aprendera a amar.

Quando a aurora trouxe o véu do casamento,  
ofereceram-lhe a faca da volta e do perdão:  
matar para viver, ferir para retornar,  
ou amar até a própria dissolução.

Ela escolheu não ferir quem amava,  
lançou-se ao mar, rendida ao bem,  
e em vez da morte prometida,  
ergueu-se em luz, mais que ninguém.

Transformou-se em filha do ar,  
sílfide do vento e da bondade,  
pois quem ama sem posse ou vingança  
merece a eternidade.

Assim vive a Pequena Sereia na memória do mundo,  
não como dor, mas como lição maior  
de que a alma nasce do amor que renuncia,  
e a liberdade floresce onde houve dor.

## O SILENCIO DA PORCELANA

No canto mais silencioso da casa  
há um trono branco, humilde,  
que não pede reverência nem aplauso,  
mas sustenta a dignidade do corpo  
quando o corpo já não aguenta.  
Ali, sentados em conforto quase sagrado,  
entregamos à porcelana o que resta,  
aquilo que o organismo já cumpriu.  
O gesto é simples, cotidiano,  
mas o milagre é profundo.  
Um puxar de descarga  
e o caos vira caminho.  
Por canos escuros e engenhosos  
viajam histórias do corpo humano,  
segredos que ninguém vê.  
Engrenagens trabalham em silêncio.  
Sólidos descem, triturados,  
transformados em cinza e esquecimento;  
líquidos escorrem por veias técnicas,  
obedientes à gravidade.  
Filtrados por membranas pacientes,  
seguem até que a água volte  
a ser quase pura, quase inocente.  
Nem todas essas máquinas do futuro  
cabem ainda no presente.  
Mas provam que até o íntimo do íntimo  
é campo de ciência e pesquisa,  
território de cálculo e cuidado,  
onde o invisível importa,  
onde mora a esperança.  
Antes dele, o ar livre carregava doenças,  
as cidades cheiravam à decadência,  
e as fezes, expostas ao sol,

espalhavam mais de cinquenta males  
como sementes invisíveis.

O vaso, simples herói doméstico,  
reduziu infecções, salvou vidas,  
sem jamais pedir crédito algum.

Ficou ali, discreto,  
enquanto o mundo seguia.

Por séculos, homens anônimos pensaram  
no destino do que ninguém queria pensar.

J. B. Rhodes, com patentes silenciosas,  
Thomas Merda, menino pobre,  
andando a pé até Londres.

Aprendeu a domar a água,  
inventou um redemoinho perfeito,  
tão eficiente e sonoro  
que fez multidões esperarem em fila  
para ouvir o progresso.

O povo viu, ouviu e acreditou.

Duzentas mil privadas depois,  
Londres respirava melhor.

Foi uma revolução sem fábricas,  
sem fumaça no céu.

Uma revolução feita de higiene,  
privacidade e respeito à vida,  
construída sem discursos,  
sem monumentos grandiosos,  
apenas com água e ciência.

Hoje, quase ninguém agradece  
ao vaso sanitário.

Ele permanece ali, calado,  
recebendo o que rejeitamos,  
levando para longe o que nos faria mal.

Prova silenciosa de que civilização  
não começa nos palácios,  
mas nos banheiros escondidos,  
nos fundos das casas,

na rotina invisível.

E enquanto ainda lutamos  
pela universalização do saneamento,  
ele nos lembra, sem palavras,  
que o futuro saudável das cidades  
passa por onde poucos querem olhar.

Mas todos precisam sentar.

Antigamente, a privada era buraco,  
madeira tosca, pedra fria,  
cabine no fundo do quintal,  
onde a vergonha fazia companhia.

Sem canos, sem filtros, sem ciência,  
o corpo se aliviava sozinho,  
mas a cidade adoecia em silêncio.

Hoje, a porcelana é arte moldada,  
resultado do tempo.

Não apenas branco como hospital,  
mas bege suave, preta elegante,  
marrom terroso, cinza urbano,  
cores que dialogam com o concreto  
e com o vidro.

Assim, o antigo trono evoluiu:  
de necessidade escondida  
a elemento de design e conforto.

O vaso agora não apenas serve,  
ele afirma o futuro.

Afirma que até o ato mais humano  
pode habitar o belo e o técnico,  
o cuidado e a ciência.

E faz pensar, em silêncio:  
tão genial quanto pisar a Lua  
foi inventar o vaso sanitário  
pois um levou o homem ao espaço,  
o outro manteve a humanidade viva  
aqui na Terra, sentada, digna,  
chamando isso de civilização.

## TERRA DE MUITOS CANTOS

Mato Grosso do Sul, meu chão sem igual,  
terra de fronteira, de amor natural.

Do tereré ao pôr do sol azul,  
bate forte o coração sul-mato-grossense.

No coração do Brasil, entre rios e serras,  
vive um povo moldado nas muitas terras.

Filhos da fronteira, mistura sem par,  
de alma indígena, paraguaia e do lugar.

Gaúcho e mineiro, boliviano também,  
tecem histórias que o tempo mantém.

De cada canto, um traço, um sabor,  
fazendo do Sul um mosaico de amor.

Nasce o tereré nas rodas da amizade,  
sopro gelado da hospitalidade.

E entre violas, risos e luar,  
o chamamé começa a soar.

Fogueiras acesas em Jateí iluminam,  
as festas de São João se animam.

No Siriri, no Cururu, na fé que bendiz,  
ecoam memórias que o povo diz.

Pantanal espelho de céu e emoção,  
refúgio de vida, berço da criação.

Onça-pintada, cervo e ariranha,  
guardam segredos na água tamanha.

E o Cerrado, de troncos retorcidos,  
canta em ipês os sonhos floridos.

O lobo-guará caminha altaneiro,  
símbolo nobre do chão pantaneiro.

Na mesa, o aroma é pura tradição:  
chipa e sobá, amor e união.

Sopa paraguaia, pintado na brasa,  
sabores que tornam o lar uma casa.

E quando a viola entoa no chão,

é a alma do Sul em vibração.

Campo Grande, capital do chamamé,  
onde o ritmo e o coração têm fé.

Mato Grosso do Sul, mistura bendita,  
tua essência é canção infinita.

Entre o ontem e o amanhã, tua gente semeia  
um futuro que dança, trabalha e anseia.

Terra de muitos cantos, muitos amores,  
és poema bordado de mil cores.

Entre o Pantanal, o Cerrado e o luar,  
tua cultura é estrela a brilhar.

A onça vigia, o ipê floresceu,  
a viola chama o canto que é meu.

De Campo Grande ao imenso Pantanal,  
teu povo é força, é canto regional.

## CIDADE MORENA

No coração do Centro, sob o céu de anil,  
ergue-se morena, formosa e sutil.  
Campo Grande é canto, é raiz, é chão,  
terra que pulsa no peito da nação.

José Antônio Pereira, de olhar pioneiro,  
viu na confluência um sonho inteiro.  
Entre o Prosa e o Segredo, ergueu o viver,  
fundou teu destino, moldou teu saber.

Das trilhas antigas ao apito do trem,  
ecoou o progresso que o tempo retém.  
Quando o Estado nasceu em nova fronteira,  
fizeste-te alma, tornaste-te inteira.

Cidade planejada, de avenidas e flor,  
arborizada em verde e cor.  
No ipê que floresce, a alma se abranda,  
bela e serena, ó Campo Grande!

Tuas gentes se misturam em doce canção:  
índios, mineiros, japoneses, irmãos.  
Paraguaios, bolivianos, sulistas também,  
tecem tua história que nunca tem fim.

O Parque das Nações em viva harmonia  
guarda memórias, cultura e alegria.  
O Bioparque brilha em azul cristalino,  
mostrando o Pantanal em caminho divino.

Na Praça das Araras, o encanto é fiel,  
as cores dançam sob o vasto céu.  
No Lago do Amor, o sossego mora,

e o vento no rosto embala a aurora.

O Belmar Fidalgo é festa e lazer,  
quadras e risos a florescer.  
E no Parque dos Poderes, entre canto e alvor,  
a cidade respira trabalho e amor.

Nos museus da história, o tempo fala:  
Dom Bosco, MARCO, memória que embala.  
A Aldeia Marçal, sagrada presença,  
guarda a herança, a força, a crença.

Morada dos Baís, em noite serena,  
une cultura, sabor e cena.  
E o Santuário, com fé e emoção,  
acolhe o povo em devoção.

A Catedral reluz, Senhora da Conceição,  
símbolo vivo da fé em união.  
O povo celebra, o tereré compartilha,  
em cada gesto, a paz se perfilha.

Na mesa, o sabor é pura união:  
sobá e chipa, arroz e feijão.  
Sopa paraguaia, pintado e calor,  
sabores que lembram trabalho e amor.

Ao som da viola, o povo se anima,  
entre o chamamé e a moda caipira.  
No Arraial de Santo Antônio, a fé se enfeita,  
e o Banho de São João renova a colheita.

Capivaras passeiam, livres e fiéis,  
entre ipês dourados e vastos céus.  
Cidade Morena, de coração aberto,  
és poema vivido, és lar descoberto.

Mato Grosso do Sul, teu canto ecoou,  
na viola, no vento, no povo que amou.  
És mistura bendita, canção infinita,  
terra morena, gentil e bonita.

Entre o ontem e o amanhã, tua gente semeia,  
um futuro que canta, trabalha e anseia.  
És poema bordado de mil cores,  
Campo Grande jardim de amores.